

Da reportagem ao *podcast*: aproximação entre a reportagem radiofônica especial e o *podcast* “CBN Especial”

Arnaldo Zimmermann

(Universidade Federal de Santa Catarina)

Morada postal institucional: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima

Trindade - Florianópolis – SC, 88040-900, Brasil

(arnaldozimmermann@gmail.com)

Valci Regina Mousquer Zuculoto

(Universidade Federal de Santa Catarina)

Morada postal institucional: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima

Trindade - Florianópolis – SC, 88040-900, Brasil

ORCID: 0000-0002-2453-3990

(valzuculoto@hotmail.com)

Arnaldo Zimmermann (short bio): Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Bolsista Capes. Mestre em Jornalismo (UFSC). Especialista em Publicidade e Propaganda (FURB). Graduado em Jornalismo (UNISOCIESC). Graduado em Letras (FURB). Integrante do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq).

Valci Regina Mousquer Zuculoto (short bio): Doutora (PUCRS) e Pós-Doutora em Comunicação (UFRJ). Professora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Diretora Científica da Alcar. Coordenadora da Rede de Pesquisa em Radiojornalismo (RadioJor/SBPJor) e da Rádio Ponto UFSC. Conselheira da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ). Líder do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa/CNPq).

Submissão: 19/07/2021

Aceitação: 26/10/2021

Da reportagem ao podcast: aproximação entre a reportagem radiofônica especial e o *podcast* “CBN Especial”

Resumo: O artigo investiga a relação entre reportagem radiofônica especial e *podcast* jornalístico, a partir das estruturas e das especificidades de ambos os formatos. O *corpus* da pesquisa é formado por três edições do *podcast* “CBN Especial”, da rádio brasileira CBN, entre os anos de 2019 e 2020. Recorre-se à análise documental e à revisão bibliográfica, revisitando-se conceitos de reportagem, reportagem radiofônica especial e *podcasts*. A análise é realizada a partir de especificidades em comum entre os formatos de reportagem radiofônica especial e *podcast* jornalístico. Como resultado deste estudo de caso, é possível concluir que há várias similaridades entre os dois formatos. Desta forma, evidencia-se que, mesmo diante de novas formas de circulação e consumo nos meios digitais, *podcasts* desenvolvidos por emissoras de rádio mantêm em sua etapa de produção características de produto radiofônico.

Palavras-chave: Radiojornalismo, Reportagem Radiofônica Especial, *Podcast*.

From reporting to podcast: approximations between a special radio reportage and the “CBN Especial” podcast

Abstract: The article investigates the relationship between special radio reportage and journalistic podcast, based on the structures and specificities of both formats. The corpus of the research consists of three editions of the Brazilian radio CBN’s “CBN Especial” podcast, between the years 2019 and 2020. It uses documentary analysis and bibliographic review, revisiting concepts of reportage, special radio reportage and journalistic podcast. The analysis is carried out based on specificities in common between the formats of special radio reportage and journalistic podcast. As a result of this case study, it is possible to conclude that there are several similarities between the two formats. In this way, it is evident that, even in the face of new forms of circulation and consumption in digital media, podcasts developed by radio stations maintain characteristics of a radio product in their production stage.

Keywords: Radio journalism, Special Radio Reportage, Podcast.

Introdução

A segunda geração de *podcasts* consolida a chamada “era de ouro” no consumo de áudio pela internet e também expande o espaço do jornalismo dentro de uma nova cultura do uso da voz. A reapropriação do áudio na web pelo rádio através dos *podcasts* faz que avancem as pesquisas sobre as aproximações entre o novo formato e o radiojornalismo.

Neste sentido, este artigo busca analisar as características comuns entre a reportagem radiofônica especial – como uma variação do formato reportagem radiofônica – e os *podcasts* jornalísticos. A análise é realizada tomando como *corpus* três edições do *podcast* “CBN Especial”, da emissora de rádio brasileira CBN, entre os anos de 2019 e 2020. Batizada originalmente como Central Brasileira de Notícias, a CBN foi criada em 1.º de outubro de 1991 como a primeira emissora no formato *all news* no país e opera em rede via satélite para todas as regiões do Brasil a partir da cidade de São Paulo.

O formato reportagem radiofônica ganhou contornos de formato radiojornalístico no Brasil a partir da década de 1950 (Zuculoto & Zimmermann, 2020). Com o avanço da escuta de arquivos de áudio em novas interfaces e a necessidade de rejuvenescimento da audiência radiofônica, emissoras de rádio passaram a produzir e a disponibilizar a seu público boa parte do conteúdo jornalístico de sua programação através de podcasts. Com adaptações de estrutura e linguagem, parte dos formatos clássicos do radiojornalismo vem sendo incorporada no novo formato digital, incluindo as reportagens radiofônicas especiais, pelo seu caráter assíncrono e de validade editorial mais duradoura.

O problema discutido neste trabalho abrange especificidades dentro da conceituação histórica da estrutura da reportagem radiofônica especial e sua adaptação às especificidades estruturais próprias do formato *podcast* na contemporaneidade. O percurso teórico para a análise sobre reportagem radiofônica especial e radiojornalismo tem a contribuição de autores como Kaplún (2017), Ferraz e Basso (2013), Herrera Damas (2007), López Vigil (2003) e Prado (1989); em Sousa (2001), Faro (2013) e outros pesquisadores, buscamos o suporte sobre reportagem como gênero jornalístico; e na relação entre *podcast*, rádio e radiojornalismo, recorremos a Berry (2006, 2016), Falcão e Temer (2019), Vicente (2018), Martínez-Costa e Gárate (2019) e Ferraz e Gambaro (2020).

1. Reportagem radiofônica especial

A reportagem radiofônica está presente no cotidiano da programação das emissoras na rádio brasileira apresentada nas formas de boletim de reportagem, reportagem contextualizada, reportagem especial ou grande reportagem. Em emissoras com programação mista entre jornalismo e entretenimento ainda há o predomínio da forma de boletim, compacto, com duração inferior a três minutos. Nas emissoras *all news* há também o incremento de reportagens contextualizadas, com um grau maior de aprofundamento e, em menor escala, de reportagens especiais. Nessa modalidade, o contexto envolve causas e consequências sobre o assunto que vão muito além do fator atualidade, rompendo com parâmetros do imediatismo comum das *breaking news*. Já as grandes reportagens têm um grau mais elevado de aprofundamento e de esforço em pesquisa e recursos de produção.

Embora o formato reportagem radiofônica tenha diferenciais em comparação àquele aplicado nos outros meios de comunicação além da compactação da narrativa, como linguagens, possibilidades de interação e contextos de recepção, algumas similaridades podem ser observadas como “regra geral” para os mais diversos meios, reestabelecendo a relação com características originais do formato jornalístico. Para Lage (2001), a reportagem normalmente é mais extensa, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados quando comparada com a notícia. O autor entende que, enquanto a notícia típica revela um fato e trata de sua emergência, a reportagem dá conta da situação momentânea em determinado campo de conhecimento.

Ao observar a transição da reportagem entre os gêneros informativo e interpretativo, Seixas (2009, p. 67) afirma que:

A reportagem não segue a lógica do lead e pode criar imagens, impressões e invocar sentimentos. No foco, portanto, o grau de subjetividade do enunciador-jornalista, pois sua ação de interpretar permite comparar, explicar, transmitir segundo sentimentos e exige aprofundar e investigar.

A reportagem emerge como um “relato que aborda um acontecimento para o qual a sensibilidade dos repórteres e dos editores percebe a potencialidade de uma história que mereça ser narrada em todas as suas dimensões” (Faro, 2013, p. 77). Sousa (2001, p. 259) entende a reportagem como “um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para o contextualizar, interpretar e aprofundar, já que apurar, checar as fontes e confrontar informações são a razão de ser da imprensa” (Faro, 2013).

A reportagem radiofônica especial carrega algumas características comuns em relação a outras modalidades do gênero. Ao buscar suas referências no radialista cubano José Ignacio López Vigil, Ferraz e Basso (2013) mencionam a aproximação da reportagem especial radiofônica ao gênero dramático. López Vigil (2003) destaca o *suspense* que precede o conflito e o posterior restabelecimento de uma ordem, sendo em decorrência desse conflito que o público se envolve na progressão da narrativa dramática.

Fugindo à lógica do *lead*, a estrutura inspirada nas narrativas ficcionais com a humanização dos relatos altera a formatação clássica da reportagem radiofônica em ritmo de *breaking news*. Vários pesquisadores, incluindo Ferraretto (2001), sugerem a estrutura de uma reportagem composta por cabeça/abertura, ilustração (sonoras), texto de passagem e encerramento. Herrera Damas (2007) observa que, enquanto a abertura deve incidir sobre o tema e captar a atenção do ouvinte, o desenvolvimento deve organizar as ideias e dados, deixando o fechamento para reforçar a ideia principal. No oposto à estrutura aplicada em boletins, a transição do singular para o particular e o universal representaria melhor o modelo narrativo da reportagem especial.

Para Ferraz e Basso (2013, p. 5), a reportagem especial é “um formato capaz de realizar uma contextualização que recai sobre as causas e consequências do assunto que aborda”, trabalhando de forma ampliada e assim também se ancorando “no ato de interpretar”. Os autores entendem que esse modelo está ancorado na atualidade, ou pelo menos apresentam fatos que merecem ser lembrados.

Kaplún (2017) compara a reportagem especial radiofônica com o texto jornalístico mais aprofundado publicado junto a fotografias e ilustrações na mídia impressa. De fato, podemos considerar que, enquanto um meio impresso lança mão de declarações e depoimentos entremeados com a narração onisciente do repórter, na rádio as entrevistas em áudio e os testemunhos com declarações flagradas no calor da emotividade passariam a gerar novos sentidos ao público, o que manteria de certo modo a linguagem jornalística padrão, porém com nuances interpretativas, tais quais as utilizadas nas dramatizações, como citam Ferraz e Basso (2013) e López Vigil (2003).

Ferraz (2016, p. 263) também lembra a força da reportagem radiofônica vinda de uma linguagem jornalística que desperta o interesse pela forma e pelo conteúdo da narração do acontecimento: “é um meio de comunicação tornado meio de expressão quando a história apresentada explora todas as possibilidades de sons que o rádio possui”. Por ter

duração mais longa que os boletins, a reportagem especial se apoia no conjunto de recursos sonoros para não ser entediante (Kaplún, 2017).

O ambiente acústico que privilegia os recursos sonoros como ruídos captados diretamente das externas é muito mais contemplado nas transmissões ao vivo, com a presença do repórter no local do acontecimento. Nas reportagens especiais, que normalmente são diferidas, há um esforço para manter a valorização dessa presença dos ruídos. Prado (1989) traça um diferencial da reportagem simultânea, ao vivo, executada paralelamente ao desenrolar da ação, em relação à reportagem diferida, gravada, que permite a montagem dos fragmentos após o fato ter ocorrido em uma ordem que facilite a compreensão do ouvinte. Mesmo com a perda da sensação de urgência, o conjunto de entrevistas em forma de “citação com voz” nas reportagens diferidas auxilia no envolvimento do ouvinte e no “contraste entre os afetados pelo fato e os ausentes do acontecimento” (Prado, 1989, p. 89).

A manutenção dos ruídos do ambiente nas reportagens diferidas é lembrada por López Vigil (2003), já que a inclusão de entrevistas, testemunhos, comentários e ruídos reais gravados no local representam pequenas cenas que reconstroem os fatos. Borges (2013, p. 9) compreende a manutenção do ruído captado no local do acontecimento como o “relevo da paisagem sonora”, deixando “o rádio repleto de vida e movimento”.

Neste sentido, Kaplún (2017) divide tanto o documentário como a reportagem especial na rádio em dois grupos, com aproveitamento distinto dos ruídos do ambiente. O primeiro grupo é baseado em documentos vivos: captam-se os ruídos que irão ilustrar o ambiente relacionado com o tema; gravam-se entrevistas com as fontes envolvidas e declarações dos afetados, mantendo os ruídos do entorno. O segundo grupo é baseado em reconstruções, em que o autor sugere a possibilidade de incluir elementos da dramatização quando não se dispõe de documentos vivos. É claro que a sugestão de Kaplún não chega a ser uma substituição da reportagem por uma peça de radiodrama, mas a inclusão de alguns de seus elementos dentro de um produto que tem a perspectiva jornalística como fator central.

A permissão para uma determinada dose de emotividade na construção da narrativa radiofônica em uma reportagem especial aumenta algumas incertezas sobre sua exata localização dentro da taxonomia nos gêneros radiofônicos. Apesar de a classificação brasileira dos gêneros proposta por autores como Marques de Melo (2009), Lucht (2009)

e Barbosa Filho (2009) incluir este formato dentro do gênero informativo, alguns traços de sua composição já apontados aqui o deslocariam de forma sutil para o gênero interpretativo. Merayo (2002) lembra que, diferente dos meios impressos, o emprego da voz humana no material radiofônico introduz emotividade à narrativa, dificultando uma limitação mais clara entre a apresentação e a avaliação dos fatos. Meditsch (2007) se refere ao uso da voz como expressão de um subtexto no rádio: “a curva melódica, o ritmo e as ênfases tônicas utilizadas repetidamente constituem códigos que permitem aos ouvintes situar imediatamente o texto da fala” (Meditsch, 2007, p. 191).

Além dos aspectos da linguagem oral, aproximações das formas narrativas da reportagem radiofônica especial com formatos como “história de vida”, do gênero diversional¹, expandem o grau de flexibilidade de sua estrutura, alterando inclusive temporalidades, padrões textuais e perspectivas da narração.

2. Podcast

A chegada do novo milênio e o avanço da web móvel recuperaram a tradição da linguagem oral, retomando a chamada “cultura da voz” e a “cultura do ouvir” (Menezes, 2008). Esse processo decorre da cultura da portabilidade, com a chegada da terceira geração de telefonia móvel (Kischinhevsky, 2009). Dispositivos móveis, como os *smartphones*, impulsionam mais uma vez os hábitos de escuta individualizada, como no caso do *podcast*.

O *podcast*² é um conteúdo em áudio, “produzido e indexado sobre os mais diversos temas e disponibilizado na rede mundial de computadores” (Bufarah Junior, 2017, p. 2). Entre suas características básicas estão “o fato de dividir-se em episódios temáticos, o baixo custo da produção, a busca por uma linguagem mais simples e maior liberdade de temas e formas de abordagem” (Falcão & Temer, 2019, p. 1).

Pioneiro nas pesquisas sobre *podcasts* e a sua comparação com o meio radiofônico, Berry (2006) já apontava que o novo formato representa uma maneira mais horizontal no

¹ Dentro da classificação brasileira apresentada por Marques de Melo (2009), a tipologia dos gêneros jornalísticos é dividida em 5 categorias: informativo, interpretativo, opinativo, utilitário e diversional.

² A palavra *podcast* une os termos “Pod”, de iPod6, que significa *Personal on Demand*, ou “pessoal sob demanda” e *cast*, desmembrado de *broadcast*, ou “transmissão” (Falcão & Temer, 2019, p. 2).

processo de produção, distribuição e consumo do áudio nas novas plataformas. Para Black (2001 *apud* Berry, 2006, p. 155) “a identidade de um meio deriva em parte de como ela é recebida e tratada por seus usuários”³.

Falcão e Temer (2019) acreditam que o *podcast* rompe com o movimento de imediatismo que a internet trouxe aos meios de comunicação, inclusive à rádio, que perdeu sua exclusividade nesse quesito. Para as autoras, o *podcast* chegou para dar novo fôlego ao jornalismo quando explora o potencial da mídia sonora no ambiente *online*:

(O podcast) raramente irá alterar sua periodicidade para atender ao caráter imediatista dos fatos e isso não o torna menos atual. [...] Para além do imediatismo, o podcast estabelece uma nova relação de tempo com quem o consome. [...] A prioridade passa a ser outra: a capacidade de se encaixar no tempo do receptor (Falcão & Temer, 2019, p. 11).

Vicente (2018, p. 21), no entanto, defende que a ausência de imediatismo no *podcast* pode ser compensada por uma suposta simulação durante as gravações em estúdio, mantendo “o frescor e a espontaneidade da interação entre seus participantes”. É um cenário que “rompe com a simultaneidade da distribuição, impactando diretamente nos perfis dos ouvintes e nas suas dinâmicas de escuta” (Lopez; Alves, 2019: 4).

Ainda na primeira geração do formato, Medeiros (2006, p. 6) chegou a afirmar que o *podcast* seria o “oposto” do rádio, ou, “no máximo, uma metáfora de um programa de rádio”, já que não pertenceria a um fluxo contínuo de transmissão. Embora esse conceito esteja superado na atualidade⁴, a relação do *podcast* com a rádio convencional pode ser vista hoje como uma complementaridade, de acordo com Vicente (2018, pp. 21-22): “enquanto o rádio convencional pode preencher com música e notícias do momento parte do dia de seus ouvintes, o podcast pode propor outra relação de escuta e [...] experimentação sonora”.

No entanto, Berry (2016) observa que, para algumas emissoras de rádio, *podcasting* é apenas uma plataforma de distribuição de parte do seu conteúdo; outros *podcasts* seriam feitos por emissoras de rádio sem ter conteúdo de rádio; e há também alguns *podcasts* que

³ Tradução livre: *A medium's identity stems in part from how it is received and treated by its users.*

⁴ Considerando o conceito de rádio na atualidade, a partir do verbete “Rádio” da Enciclopédia Intercom de Comunicação: “a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz, a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada” (Ferraretto & Kischinhevsky, 2010, p. 1010).

não pretendem ser rádio, pois são criados e produzidos por ativistas com uma agenda diferente da da rádio.

Apesar deste avanço da reapropriação do áudio na web pela rádio convencional, Ferraz e Gambaro (2020) notam que a maior parte das emissoras ainda apenas reaproveita aquilo que é produzido e lançado no ar via ondas hertzianas.

A produção dos meios cujo sistema é o de broadcasting faz um processo de “re-empacotamento” do que é apresentado como os tradicionais formatos de comentário, entrevista e reportagem, apresentando o trecho isolado do todo em arquivos de áudio para serem reproduzidos estando o ouvinte on-line. Essa é a forma mais rápida e econômica que a maioria das emissoras jornalísticas encontra para participar desse novo universo de distribuição e consumo de conteúdo por via digital (Ferraz & Gambaro, 2020, p. 156).

Os autores, no entanto, argumentam que, quando as produções jornalísticas em *podcasts* rompem com a forma corrente de produção radiofônica e conseguem, ao mesmo tempo, manter elementos e traços da transmissão hertziana, se gera um sentido de continuidade, apesar da ruptura.

Essa discussão sobre a complementaridade do *podcast* em relação ao conteúdo jornalístico veiculado pelas emissoras é reforçada no trabalho de Martínez-Costa e Gárate (2019), ao analisarem os *podcasts* diários de notícias “The Daily”, “Today in Focus” e “Las Vozes”, de ABC. Para as autoras, os *podcasts* de notícias são um terreno fértil para a explicação e os gêneros interpretativos, já que não são adequados para narrar as últimas notícias ao vivo devido ao seu tipo de produção e à sua periodicidade de distribuição. Assim, o rádio hertziano continua sendo o terreno mais adequado para a difusão das informações instantâneas, justamente pela sua dinâmica de produção e recepção.

Um dos aspectos relevantes no estudo de Martínez-Costa e Gárate (2019) dá conta dos recursos narrativos utilizados nas produções dos *podcasts* analisados. Na maioria absoluta dos casos, as produções utilizaram efeitos sonoros, recursos de edição e inclusão de documentos de arquivo em áudio. As autoras destacam a importância do uso da palavra e a sua transição com os demais elementos da linguagem radiofônica, através de planos sonoros e montagens. Além disso, há a importância das reconstruções através do uso dos documentos de voz, que auxiliam tanto no contexto de reportagens e entrevistas, como para transmitir a emoção das vozes dos protagonistas. O tom íntimo, adotado através da produção e da edição dos *podcasts*, aumentaria a cumplicidade com o ouvinte (Martínez-Costa & Gárate, 2019).

Ao reforçar o caráter de reapropriação da estética sonora da rádio por muitos *podcasts*, Llinares, Fox e Berry (2018) entendem que a prática de escuta complementar ou escuta de substituição da audiência para alguns públicos ainda está muito presente na maioria dos *podcasts*. Como estratégia digital dos meios de comunicação, Martínez-Costa e Gárate (2019) acreditam que os *podcasts* noticiosos são uma oportunidade para se explorar, corrigir e reinventar o estilo de contar notícias, longe de serem apenas uma moda passageira.

3. O produto analisado e a metodologia do trabalho

Este estudo foi realizado com a escuta e análise de três arquivos do *podcast* “CBN Especial”, produzidos pela rádio brasileira CBN durante 2019 e 2020 (Gouvêa, R. et al., 2019-2020). O formato *all news* da emissora é transmitido a partir da cidade de São Paulo em rede via satélite através de 42 estações de rádio⁵ em todas as regiões do Brasil.

Na seção de *podcasts* do *site* da emissora, constam 151 subseções do formato, sendo uma delas o “CBN Especial”. Até a análise realizada para este artigo, em 8 de janeiro de 2021, constavam apenas sete edições do “CBN Especial”, que foram publicadas entre 12 de julho de 2019 e 31 de dezembro de 2020. A duração de cada edição varia de 8 a 57 minutos, mas apenas duas delas ultrapassaram 17 minutos. Também não havia uma periodicidade rígida na disponibilização do conteúdo, inclusive com um intervalo de oito meses entre a quinta e a sexta edição. Para facilitar a seleção, escolhemos três edições alternadas para análise (segunda, quarta e sexta na ordem de disponibilização), com duração entre 8 e 13 minutos, que são: “Em busca da acolhida” (19/07/2019), “Companhia artificial: solidão em tempos tecnológicos” (06/09/2019) e “Uma homenagem às 100 mil vítimas da Covid-19 no Brasil” (08/08/2020).

Nossa opção neste trabalho foi utilizar um estudo de caso como método, seguindo as orientações de Yin (2005), quanto aos casos representativos. A representatividade da emissora está no fato de ser uma das principais redes nacionais voltadas integralmente ao jornalismo e de disponibilizar parte de seu conteúdo emitido no rádio hertziano em arquivos de áudio na web. Ainda de acordo com Yin (2005, p. 20), a escolha do método

⁵ Segundo o *site* da emissora, a Central Brasileira de Notícias (CBN) tem o potencial de atingir um universo de mais 94 milhões de brasileiros. Fonte: <https://cbn.globoradio.globo.com/institucional/historia/HISTORIA.htm>.

se dá quando há o “desejo de se compreender fenômenos sociais complexos”, principalmente quanto ao exame de acontecimentos contemporâneos, que é o caso do nosso objeto empírico.

O presente estudo de caso também utiliza a análise documental (áudio dos *podcasts* no *site* da emissora) como método e como técnica de pesquisa. Como método, porque há um ângulo de observação a partir da relação conceitual entre reportagens radiofônicas especiais e *podcasts* produzidos por emissoras de rádio. Como técnica, pela estruturação da análise a partir da categorização de elementos presentes em reportagens radiofônicas especiais. Para Moreira (2006, p. 272) a análise documental é sempre método e técnica ao mesmo tempo: “método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados”. A revisão bibliográfica utilizada neste estudo dá suporte aos instrumentos da análise documental, a fim de buscar pontos de ligação entre os conceitos de reportagem, reportagem radiofônica especial e *podcast*.

Para realizar a análise, definimos alguns elementos que compõem a narrativa de reportagens especiais a partir das referências que envolvem os estudos sobre reportagem jornalística, reportagem radiofônica e reportagem radiofônica especial. Foram observados e analisados os seguintes aspectos nos *podcasts*:

- a) Forma de narração: identificação do foco narrativo quanto à enunciação, entre primeira e terceira pessoa (Sousa, 2001); e classificação entre reportagens narrativas, descritivas e dissertativas (Coimbra, 2004).
- b) Inclusão de entrevistas ou citações com voz: verificação sobre a utilização de sonoras de acordo com os padrões habituais e recomendados para as reportagens radiofônicas (Ferraretto, 2001).
- c) Variação e confronto de fontes jornalísticas: análise sobre a diversificação das fontes de informação, visto que verificar as fontes e confrontar informações garantem a multiangulação e compõem a razão de ser da imprensa (Faro, 2013).
- d) Atualidade e temporalidade: verificação da existência de exploração de fatos anteriores e da projeção de consequências futuras, ampliando o espaço-temporal do fato social e permitindo a contextualização e a historicização do acontecimento (Lobato, 2016).

- e) Estrutura narrativa: verificação da estrutura similar a uma reportagem radiofônica quanto à existência de introdução/abertura, desenvolvimento e conclusão/fechamento (Herrera Damas, 2007).
- f) Presença de elementos que apontem à localização de gêneros radiojornalísticos: a análise busca enquadrar os elementos dentro das categorias de gêneros jornalísticos utilizadas por Marques de Melo (2009) que foram transpostos para o radiojornalismo por Lucht (2009), que são: informativo, interpretativo, opinativo, utilitário e diversional.
- g) Aproveitamento de sons e ruídos do ambiente: verificação da existência dos efeitos sonoros, como elemento da linguagem radiofônica, especialmente quanto aos sons e ruídos do ambiente, seja através de documentos vivos, seja de reconstruções (Kaplún, 2017).
- h) Aprofundamento e contextualização dos fatos: análise sobre o nível de profundidade nas produções, no sentido de que estas busquem explicações sobre as causas do acontecimento através de suas conexões entre o fato e situações mais amplas (Erbolato, 1985). A contextualização do fato nas reportagens radiofônicas se dá pela explicação e análise (Prado, 1989).

4. Análise dos *Podcasts*

As estruturas narrativas das três edições do *podcast* “CBN Especial” são completamente diferentes entre si, demonstrando que não há um padrão de formatação nos *podcasts* desta modalidade. A partir das estruturas e especificidades vistas sobre o formato reportagem radiofônica especial, apresentamos a seguir um quadro-síntese da análise dos três arquivos de *podcast*:

Quadro 1

síntese da análise dos elementos presentes nos *podcasts*:

Elementos de análise	Em busca da acolhida	Companhia artificial: solidão em tempos tecnológicos	Uma homenagem às 100 mil vítimas da Covid-19 no Brasil
Duração	8'40"	12'56"	10'42"
Formas de narração	1. ^a pessoa. Descritiva.	1. ^a pessoa. Narrativa.	3. ^a pessoa. Narrativa.
Entrevistas e citações com voz	Em forma de citações com voz.	Em forma de citações com voz.	Não houve.
Variação e confronto de fontes	Contrapôs os 4 testemunhos com 1 fonte oficial.	Fontes: 5 usuários, 3 especialistas. Fontes não são contrapostas, mas complementares.	Não há novas fontes, somente 4 arquivos de áudio.
Atualidade e temporalidade	Fato contemporâneo, porém, fora da agenda emergencial da pauta jornalística.	Fato contemporâneo, mas a matéria é construída ao longo de 2 meses.	Fato contemporâneo, mas abordando o curso da pandemia, que durava havia cerca de 5 meses.
Estrutura narrativa	Fatos em ordem cronológica nos primeiros minutos, sem seguir rigidamente estrutura com abertura, desenvolvimento e conclusão.	Estrutura clássica de reportagens diferidas com narração da repórter, intercalada com sonoras.	Estrutura narrativa clássica das reportagens em forma de boletim, mas alternou entre singular, particular e universal.
Gêneros	Predominantemente interpretativo.	Predominantemente informativo, com algumas nuances interpretativas.	Predominantemente informativo.
Sons e ruídos do ambiente	Há ruídos do ambiente. Inclui efeitos sonoros e fundo musical durante a edição.	Inclui efeitos sonoros e fundo musical durante a edição. Efeitos funcionam como parte da ilustração da matéria.	Não possui ruídos de ambiente. Usa fundo musical e trechos de músicas no lugar de sonoras.
Aprofundamento	Aprofundamento se dá na inserção do repórter no ambiente da reportagem, mas sem exploração de causas e conexões com contexto mais amplo.	Aprofundamento ocorreu pelo experimento pessoal da repórter e pela variação das fontes ouvidas.	Não houve a busca pela explicação do fenômeno, apenas o relato da situação, com o breve histórico de uma amostra de vítimas.

Fonte: autoria própria.

No *podcast* “Em busca da acolhida”, a vinheta sonora de abertura não identifica o nome do *podcast*, mas o tema da edição. A narração é realizada pelo repórter Ricardo Gouvêa na primeira pessoa do singular, em modo predominantemente descritivo, contando detalhes sobre o que observou ao longo da captação do material. Na apresentação, o repórter conta que passou uma madrugada inteira de inverno em um centro de acolhimento da prefeitura de São Paulo. O texto inicial do repórter é o mesmo publicado junto ao *podcast* no *site*, funcionando como um resumo da matéria. Foram utilizadas entrevistas editadas em forma de citações com voz (sonoras). Quanto às fontes ouvidas, confrontou quatro testemunhos de acolhidos (sem identificação) com uma fonte oficial do governo. Quanto à atualidade/temporalidade, trata-se de um fato contemporâneo, porém fora da agenda emergencial da pauta jornalística. A estrutura narrativa não seguiu exatamente o modelo clássico de versões compactas de reportagem, mas manteve alguns aspectos, como a introdução/cabeça, apresentando o problema, e o encerramento, com dados adicionais e assinatura do repórter. No restante, traçou uma ordem cronológica dos fatos nos três primeiros minutos e depois passou a recuperar fatos anteriores. A narrativa foi predominantemente interpretativa. O caráter informativo se deu durante a última parte do *podcast*, quando alternou depoimento da fonte oficial com novas informações. A narrativa contou com ruídos captados no ambiente, principalmente durante flagrantes de conflitos dentro do centro de acolhimento e na captação de voz dos acolhidos. Também incluiu efeitos sonoros e fundo musical durante a edição, gerando mais dramaticidade no material final. O grau de aprofundamento do tema foi percebido pela inserção do repórter no ambiente da reportagem, quanto à observação, captação e relatos de fatos e depoimentos de testemunhas. A contextualização dos fatos pode ser considerada um tanto limitada em relação às reportagens especiais, já que se deu mais no sentido de expor uma resposta da fonte oficial sobre o problema e de divulgar o volume de recursos financeiros utilizados por dois centros de acolhimento na cidade.

O *podcast* “Companhia artificial: solidão em tempos tecnológicos” inicia sem vinheta de identificação, mas com uma “citação com voz” de um robô para ilustrar o tema, que é narrado pela repórter Nadedja Calado. A narração/locução ocorre na primeira pessoa do singular, no modo predominantemente narrativo. Foram utilizadas entrevistas editadas em forma de citações com voz (sonoras). No total foram ouvidos cinco usuários de aplicativos de inteligência artificial e três especialistas sobre o fenômeno. Não há exatamente uma contraposição de visão das fontes, mas uma complementação com

percepções de diferentes especialidades. Apesar de se tratar de um fenômeno contemporâneo, a narrativa aborda a experiência da repórter ao longo de dois meses como usuária da tecnologia. A estrutura é típica de reportagens diferidas clássicas, com narração da repórter, intercalada com sonoras de entrevistados para contextualizar o tema. A narrativa do *podcast* foi predominantemente informativa, mas com algumas nuances interpretativas, principalmente quando a repórter relatou sua experiência pessoal com o assunto. Não há um aproveitamento de ruídos do ambiente, a não ser a inclusão de áudio do aplicativo de inteligência artificial e de efeitos sonoros e fundo musical inseridos na edição. Os efeitos funcionam como parte da ilustração da matéria. O aprofundamento ocorreu pelo experimento pessoal da repórter e pela variação de fontes ouvidas, assim como o contexto foi expandido devido à diversidade das especialidades das entrevistas, transitando entre o uso da tecnologia e questões comportamentais (desenvolvedora de aplicativo, psicóloga e professor de tecnologia).

O *podcast* “Uma homenagem às 100 mil vítimas da Covid-19 no Brasil” foi apresentado pelos âncoras da rádio Milton Jung e Cássia Godoy, mas não há tal identificação. O texto apresentado é predominantemente narrativo em terceira pessoa, padrão clássico da linguagem referencial jornalística. Não há a inclusão de entrevistados no *podcast*. As únicas quatro sonoras são, na verdade, áudios de arquivo com algumas das vítimas da COVID-19 no país. O *podcast* trata de um fato contemporâneo, mas cobre a trajetória do curso da pandemia, que durava havia cerca de cinco meses, contando uma breve história de dez vítimas da doença. A estrutura narrativa é similar às das reportagens radiofônicas, tanto na forma de boletins como as contextualizadas. No entanto, houve uma interessante alternância entre o singular (situação individual de cada vítima), o particular (problema comum às vítimas da COVID-19) e o universal (a situação da pandemia e o montante de vítimas até então). A narrativa foi predominantemente informativa. Não foram utilizados ruídos de ambiente, já que não houve entrevistas e deslocamentos para as ruas. Mas a utilização de fundo musical e de trechos de músicas ocuparam o lugar das “sonoras”, já que faziam referência às vítimas relatadas. Quanto ao grau de aprofundamento e contextualização do tema, não houve a busca pela explicação do fenômeno, mas apenas o relato da situação, com o breve histórico de uma amostra das vítimas de todo o país.

5. Discussão

Entre os aspectos analisados nos *podcasts*, observámos que há muitas similaridades nas formas de narração, utilização de entrevistas e variação de fontes jornalísticas entre o formato reportagem radiofônica especial e os materiais em análise. Embora o nível de aprofundamento e contextualização fosse diferente entre as três edições analisadas, foi possível notar alguns traços da herança radiojornalística quanto à compactação de conteúdo, muito mais típico de materiais gravados em forma de boletins ou reportagens contextualizadas do que propriamente de reportagens especiais.

Quanto ao aproveitamento de ruídos captados no ambiente do acontecimento há uma grande diferença. Enquanto as reportagens da rádio hertziana buscam repassar ao máximo as sensações captadas pelos flagrantes da cobertura externa, em dois dos *podcasts* analisados essa relação ocorreu de forma mais mecânica. Ao mesmo tempo, foram aproveitados elementos de dramatização, como fundo musical e inserção de efeitos sonoros especiais. Mesmo fugindo das orientações de López Vigil (2003) e Kaplún (2017) quanto ao aproveitamento dos sons do ambiente como forma de gerar maior dramaticidade na peça, a expressividade dramática é mantida devido ao efeito estético gerado pela edição. Já no caso do *podcast* “Em busca da acolhida”, a utilização de depoimentos captados no local do acontecimento, com ruídos e vozes flagradas pelo repórter, permitiu gerar a curva de conflito defendida por López Vigil (2003) e Ferraz e Basso (2013).

Por se tratar de assuntos contemporâneos, o gênero informativo se fez mais presente nas edições analisadas, salvo novamente pela cobertura nos centros de acolhimento, onde a descrição do repórter de acordo com seu testemunho ocular elevou o grau de interpretação dos fatos. Mas, como vimos em Merayo (2002) e Meditsch (2007), as especificidades da rádio ainda dificultam essa limitação mais clara entre os gêneros, o que parece transferir esse terreno poroso para outras produções em áudio, como os *podcasts*.

Já na estrutura das narrativas não houve nenhuma grande surpresa em que os repórteres mantivessem o padrão clássico de distribuição e ordenamento de áudio conforme suas experiências na rádio, ao invés de se aventurarem a estruturas mais próximas da literatura ficcional. A ausência de elementos de continuidade, comuns na rádio hertziana, tende até a enrijecer mais a estrutura de abertura e fechamento nos *podcasts*. No entanto, o desenvolvimento das histórias amplia o leque de modalidades, como sugere Herrera

Damas (2007), no espaço para se apresentar contrapontos, diversidade de argumentos e contradições de um fato. A semelhança do caráter assíncrono entre a reportagem radiofônica especial e os *podcasts* analisados permite o restabelecimento da relação com o tempo, como frisaram Falcão e Temer (2019), com a diferença de que no *podcast* o controle do tempo de escuta parte de quem consome e não de quem distribui.

Se formos observar as três edições conforme a divisão de Kaplún (2017) para reportagens radiofônicas especiais, podemos dizer que o *podcast* “Em busca da acolhida” foi genuinamente fundamentado em documentos vivos, explorando a captação dos ruídos do ambiente. Os *podcasts* “Uma homenagem às 100 mil vítimas da Covid-19 no Brasil” e “Companhia artificial: solidão em tempos tecnológicos” foram parcialmente baseados em reconstruções, com elementos próximos da dramatização presentes com maior frequência. De um modo geral, a exploração ao máximo dos recursos de edição e das reconstruções proporcionam o que Martínez-Costa e Gárate (2019) apontam como estratégia para criar atmosfera e contexto, reforçando a cumplicidade entre emissor e ouvinte.

Conclusão

Pesquisas recentes surgem na análise da aproximação entre o formato *podcast* e o radiojornalismo, como algumas citadas neste trabalho (Vicente, 2018), (Ferraz & Gambaro, 2020). Nesse crescente uso do áudio através de plataformas digitais e no momento de reapropriação do rádio com os novos formatos, acreditamos que esse assunto ainda esteja longe de ser esgotado.

Este artigo buscou analisar as aproximações entre a reportagem radiofônica especial e o *podcast* produzido pela rádio CBN denominado de “CBN Especial”. Partindo da intenção de observar semelhanças entre formatos distintos em diferentes plataformas, é possível concluir inicialmente que o *podcast* jornalístico goza de uma liberdade estética e editorial que a rádio ainda resiste em explorar. Lançamos essa afirmação após verificar que os *podcasts* analisados não possuem um padrão de duração, de narração, de estética nem de estrutura narrativa, como ocorre com os espaços similares no rádio. É preciso, porém, considerar que há contextos de recepção diferenciados entre a escuta de arquivos de áudio em plataformas digitais e a escuta de reportagens e programas em fluxo contínuo na rádio hertziana que, certamente, justificam uma parte dessa diferença embrionária. Enquanto a

rádio hertziana se vê refém da grelha de programação, do relógio e dos intervalos comerciais, o transporte de conteúdo em áudio pela web por *download* ou por *streaming* altera essa relação entre usuário e emissor. No entanto, a maior rigidez da rádio na distribuição dos seus formatos jornalísticos lhe exige, por vezes, buscar o contexto sobre um fato ao longo da programação e não necessariamente em uma emissão isolada. Já o produtor de *podcasts* se obriga a contextualizar o tema dentro de uma edição determinada ou no conjunto episódico agregado. O risco de fragmentação e dissimulação ocorre em ambos os casos muito mais pelo hábito de escuta do que pelo processo produtivo.

Enquanto a reportagem especial normalmente tenta superar a notícia, esgotando um fato, os *podcasts* ainda parecem carecer de uma identidade formal para poder usar a mesma afirmação. Sua localização transitória e com poucos muros entre o mundo do jornalismo e do entretenimento ainda dificultam uma análise mais ampla, permitindo apenas que avancemos na observação empírica de casos isolados. E no caso da rádio, que tenta reassumir o protagonismo do áudio nas mais diversas plataformas, ainda precisa decidir o que é material próprio de ondas hertzianas e o que é material para a web, ainda que os ouvintes-internautas possam, por vezes, ser os mesmos.

Da mesma forma que pesquisas recentes afirmam que o *podcast* vem cada vez mais se apropriando da linguagem e das características da rádio e do radiojornalismo, podemos afirmar também que o meio radiofônico tenta implementar sentido de mão dupla nessa jornada. Assim, acaba impondo e implantando sob sua batuta várias das suas especificidades dentro do novo formato, como o modo de narração de repórteres e apresentadores, a inclusão de sonoras e entrevistas e até a inclusão de ruídos do ambiente. Mas o leve flerte com elementos ficcionais de produção, como os efeitos sonoros e a música, além de uma maior liberdade em sua formatação, faz que a sensação de urgência, característica comum da rádio ao vivo nos horários de *rush*, seja substituída pelo compasso desacelerado dos horários de lazer e diversão. Tudo isso contribui para que o *podcast* continue sendo rádio, ao menos na maior parte do processo formal de produção, mesmo que o produto final já contenha marcas da influência das novas formas de circulação e consumo.

REFERÊNCIAS

- Barbosa Filho, A. (2009). *Gêneros Radiofônicos: Os Formatos e os Programas em áudio*. Paulinas.
- Berry, R. (2006). Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio. *Convergence*, 12(2), 143-162. https://www.researchgate.net/profile/Richard_Berry5/publication/249827460_Will_the_iPod_Kill_the_Radio_StarProfiling_Podcasting_as_Radio/links/548eff0a0cf225bf66a7f82f/Will-the-iPod-Kill-the-Radio-StarProfiling-Podcasting-as-Radio.pdf
- Berry, R. (2016, 12 de novembro). Podcasting is different to radio. *Radio & Podcast Academic*. <https://richardberry.eu/podcasting-is-different-to-radio/>
- Borges, P. (2013, setembro). *A credibilidade do ruído no radiojornalismo*. Comunicação apresentada no 36.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Anais [...]. Manaus, AM. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0765-1.pdf>
- Bufarah Junior, A. (2017, setembro). *Podcast: possibilidades de uso nas emissoras de rádio noticiosas*. Comunicação apresentada no 40.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Anais [...]. Curitiba, PR. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2638-1.pdf>
- Coimbra, O. (2004). *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. Ática.
- Erbolato, M. L. (1985). *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário* (4.ª ed.) Vozes.
- Falcão, B. M. & Temer, A. C. R. P. (2019, setembro). *O podcast como gênero jornalístico*. Comunicação apresentada no 42.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Anais [...]. Belém, PA. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>
- Faro, J. S. (2013). Reportagem: na fronteira do tempo e da cultura. *Revista Verso e Reverso*, 27(65), 77-83. <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2013.27.65.02>
- Ferraretto, L. A. (2001). *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Sagra Luzzatto.
- Ferraretto, L. A. & Kischinhevsky, M. (2010). Rádio (verbete). In: J. M. de Melo (Ed.), *Enciclopédia Intercom de Comunicação – Dicionário Brasileiro do Conhecimento Comunicacional* (pp. 1009-1010). Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.
- Ferraz, N. & Basso, E. F. C. (2013, junho). *A reportagem especial no rádio: apontamentos, análise e reflexão sobre o programa Universidade no Ar*. Comunicação apresentada no 28.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (INTERCOM SUDESTE), Anais [...]. Bauru, SP. <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1185-1.pdf>
- Ferraz, N. (2016). *Reportagem no rádio: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem* [Tese de Doutorado]. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
- Ferraz, N. & Gambaro, D. (2020). Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta. *Novos Olhares*, 9(1), 155-172. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2020.166393>
- Gouvêa, R., Calado, N., Jung, M. & Godoy, C. (Apresentadores). (2019-2020). *CBN Especial [podcast áudio]*. CBN podcast.

- Herrera Damas, S. (2007). La estructura del reportaje en radio. *Área Abierta*, 17, 1-22. <https://revistas.ucm.es/index.php/ARAB/article/view/ARAB0707230001A>
- Kaplún, M. (2017). *Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção* (Betti, J. G.; Meditsch, E., Trad.). Insular.
- Kischinhevsky, M. (2009). Cultura da portabilidade – Novos usos do rádio e sociabilidades em mídia sonora. *Observatório (OBS*)*. 3(1), 223-238. <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/271>
- Lage, N. (2001). *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Record.
- Llinares, D., Fox, N. & Berry, R. (2018). Introduction: Podcasting and podcasts – parameters of a new aural culture. In D. Llinares, N. Fox & R. Berry (Ed.), *Podcasting: New aural cultures and digital media*. Palgrave Macmillan.
- Lobato, J. A. M. (2016). Jornalismo e narratividade em sintonia: um percurso teórico-conceitual pelos elementos da grande reportagem. *EJM, Estudos em Jornalismo e Mídia* (UFSC), 13(2), 66-77. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2016v13n2p66>
- Lopez, D. C. & Alves, J. (2019, setembro). *Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados*. Comunicação apresentada no 42.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, (INTERCOM), Anais [...]. Belém, PA. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0147-1.pdf>
- López Vigil, J. I. (2003). *Manual urgente para radialistas apaixonados*. Paulinas.
- Lucht, J. M. P. (2009). Gêneros radiojornalísticos: análise da rádio Eldorado de São Paulo [Tese de Doutorado]. Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.
- Marques de Melo, J. (2009, setembro). *Gêneros jornalísticos no Brasil: o estado da questão*. Comunicação apresentada no 32.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Anais [...]. Curitiba, PR. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0763-1.pdf>
- Martínez-Costa, M. P. & Gárate, E. L. (2019). El éxito de los podcasts de noticias y su impacto en los medios de comunicación digital. *Miguel Hernández Communication Journal*, 10(2), 323-340.
- Medeiros, M. S. (2006, setembro). *Podcasting: Um Antípoda Radiofônico*. Comunicação apresentada no 24.º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), Anais [...]. Brasília, DF. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0776-1.pdf>
- Meditsch, E. (2007). *O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo* (2.ª ed.). Insular.
- Menezes, J. E. de O. (2008). Cultura de ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. *Libero*, 21, 111-118. <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/610>
- Merayo, A. (2002). La construcción Del relato informativo radiofônico. In M. Martínez-Costa (Ed.). *Información radiofónica: cómo contar noticias en la radio hoy* (pp. 59-96). Ariel.
- Prado, E. (1989). *Estrutura da informação radiofônica* (2ª ed.). Summus.
- Seixas, L. (2009). *Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação*. Labcom. Disponível em: https://labcom.ubi.pt/ficheiros/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf
- Sousa, J. P. de. (2001). *Elementos de Jornalismo Impresso*. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impresso.pdf>

- Vicente, E. (2018, junho). *Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio*. Comunicação apresentada no 28.º Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), *Anais* [...]. Belo Horizonte, MG. http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_5U524AASCK6777Z_KAFXV_27_6695_25_02_2018_16_09_06.pdf
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (3.ª ed.) Bookman.
- Zuculoto, V. R. M. & Zimmermann, A. (2020). Do transistor ao celular: anotações históricas sobre transformações da reportagem radiofônica a partir de tecnologias. *Revista Âncora*, 7(1), 220-238. <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/51297>